

## O personagem da notícia

# Bulhões, defensor do fim do subsídio

*Geraldo Moura*

**Brasília** — Após quatro horas de debates, o professor Octávio Gouvêa de Bulhões, presidente do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), da Fundação Getúlio Vargas, deixou a reunião do Conselho Monetário Nacional abatido e com ar cansado. Ele vinha defendendo a necessidade de o Governo promover a desindexação da economia e nenhuma das medidas que compõem o pacote aprovado pelo Conselho Monetário trata da questão.

Indagado sobre o que tinha achado da reunião, Bulhões lamentou que sua sugestão (apoiada pelos representantes do setor privado) não tivesse sido acatada, porque "se não houver expurgo, o pacote vai falhar. O CMN apenas recomendou o expurgo, mas é o Governo quem decide quando ele será feito".

Desde que defendeu, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL de 10 de abril um tratamento de choque para a economia brasileira, reverter o processo de inflação, Bulhões insiste em sua tese de que a terapia para os males da economia nacional está no corte dos subsídios, com a reativação dos investimentos do setor público e o pagamento de suas dívidas, como forma para criar empregos. Defende também a liberação dos limites quantitativos do crédito, para reduzir a taxa de juros. E a livre negociação dos salários.

O professor Bulhões diz que o Governo concorda com a necessidade do expurgo (o Ministro Delfim Neto "achou a sugestão boa, só não falou quando vai propor isso"), proposta pelos empresários, mas quando isso ocorrerá, "só Deus Sabe". Os impactos do expurgo, segundo o professor, podem ser absorvidos logo: "com três ou quatro meses, tudo voltaria à normalidade".

A proposta de Bulhões contempla principalmente a exclusão dos índices de tudo que está relacionado à remoção de subsídios, como os reajustes dos preços dos derivados de petróleo, do trigo e do açúcar. "Se não adotarem este expurgo, teremos uma inflação de 200%. Sem expurgo, meu filho, quando eu voltar aqui, a inflação estará nas alturas", disse o presidente do IBRE, caminhando a passos lentos em direção ao Galaxie cinza que o aguardava, após a reunião do CMN.

Ele acha que se o Governo tivesse acatado sua sugestão, não precisaria se preocupar com isso agora. Como não foi ouvido, "terá que ser feito um expurgo do INPC e da correção monetária, infelizmente". Além disso, acha que o Fundo Monetário Internacional (FMI) — com o qual o Governo assinou um acordo que vigora até o fim de 1985, para poder receber seus recursos —, não reagirá bem ao pacote elaborado pelo Governo. Bulhões afirmou: "Se os técnicos do Fundo forem sensatos, reagirão mal. Se forem sensatos, o que eu não sei. Eu acho que o FMI vai achar ruim, como nós achamos".